

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO-AUTOR NA CRÔNICA “PROFETAS ATROPELADOS PELA HISTÓRIA”

Autores

Daniele c Dos Santos Pascuali
Ana Cristina Carmelino

1. Introdução

O sujeito é o cerne de todo e qualquer discurso, contudo é pelo discurso, no qual se materializam as ideologias, que se constitui o sujeito. Logo, observamos um ciclo formado pelo sujeito, que é social e histórico, por isso ideológico, constituído de vários “outros” (outros discursos e o próprio inconsciente).

Dessa forma, ao produzir seus discursos, materializando suas ideologias, convivendo e organizando os vários “outros”, é que se constitui o “autor”, não como um “criador” e sim, como um “planejador” que procura, juntamente com os seus co-enunciadores, a construção de um efeito de sentido.

Convém salientar que é pela materialidade lingüística dos discursos que a Análise do Discurso de linha francesa estuda essa cadeia histórica, social, cultural e ideológica do sujeito, constituindo, portanto, o autor de seu texto.

Propomo-nos, então, por meio da crônica “Profetas Atropelados pela História”, publicada em 8 de abril de 2006, no Caderno Ilustrada da *Folha de São Paulo*, analisar como se constitui seu autor – Fernando Gabeira –, observando não só a organização e o planejamento de seu discurso, mas também sua negociação com os “outros” presentes na crônica.

Para tanto, embasamos nossas reflexões especialmente nos estudos de Orlandi (1996, 2005), Fiorin (2005), Maingueneau (1989) e Authier-Revuz (1990); respaldando-nos em conceitos como: discurso, sujeito, autor, ideologia, efeito de sentido, heterogeneidade constitutiva e marcada (principalmente o metadiscurso do locutor).

2. Objetivos

Esta análise busca verificar como se constitui o sujeito-autor da crônica “ Profetas Atropelados pela História ”, ou seja, como ele “organiza” os diferentes discursos e, conseqüentemente, os diversos “ outros ” presentes para negociar com os leitores uma construção de efeito de sentido.

3. Desenvolvimento

A princípio, buscamos alguns discursos que permitissem observar a presença de vários “outros”, como o recurso de **parafra­sa­gem**, que “consiste em colocar-se em uma posição de exterioridade relativa face à seqüência de seu próprio discurso” (MAINGUENEAU, 1989, p. 96); de **ironia**, definida por Maingueneau (op. cit., p 8-99) como aquela que “subverte a fronteira entre o que é assumido e o que não é pelo locutor”, já que esta era a proposta do trabalho da disciplina de Atividades Discursivas do 5º semestre de Letras Licenciatura Português. Contudo, é preciso esclarecer que as leituras preliminares da crônica, já citada, permitiram que se verificasse a grande quantidade de “metadiscorso do locutor”, ou seja, de “glosa” do autor – isto é, “(...) um dispositivo que abre caminhos, negocia continuamente através de um espaço saturado de palavras, palavras outras.” (MAINGUENEAU, 1989, p. 95). Ainda segundo Maingueneau (op. cit.), além de direcionarem, as glosas permitem que o autor se manifeste comentando, retomando, ajustando e, principalmente, construindo uma imagem sua como um sujeito que domina o seu discurso.

Esse fato nos chamou a atenção para o “como” Fernando Gabeira organizou o seu discurso de modo a influenciar o leitor para garantir um efeito de sentido. Além disso, ressaltamos sua posição ideológica esquerdista evidenciada pelos enunciados. Devido a essas peculiaridades, optamos por analisar a crônica em questão.

4. Resultados

Schinelo e Villarta-Neder (2000) salientam uma nova maneira de pensar sobre a questão da autoria, “considerando o lugar de onde o sujeito fala, o momento histórico-social em que ele se insere e considerando também o momento em que o texto será lido” (SCHINELO; VILLARTA-NEDE, apud GREGOLIN, 2000, p. 109). Sob essa perspectiva, torna-se necessário observar de que “lugar” fala o autor da crônica em análise e em que contexto histórico-social e cultural ela está inserido.

Fernando Gabeira, jornalista e político, esteve presente em vários momentos históricos recentes no Brasil, como a luta contra a ditadura, a guerra contra a censura e até mesmo, o apoio à eleição de Lula como presidente, sempre assumindo e manifestando sua ideologia esquerdista.

A princípio, com a vitória de Lula (metalúrgico e representante do povo assalariado), Gabeira continua a apoiar o novo governo, pela primeira vez, tido como “esquerda” (Partido do Trabalhadores). Contudo a partir do final de 2004 e início de 2005, as denúncias de corrupção resultaram em cassações de dirigentes e integrantes do PT, permitindo que Lula também tivesse sua índole manchada. Por tudo isso, Gabeira retirou seu apoio e passou a criticar as atitudes governamentais para acabar com a corrupção. Em vários discursos, é possível verificar as críticas tecidas por ele ao atual governo.

Em se tratando de nosso objeto de análise, a crônica “Profetas Atropelados pela História”, convém salientar que foi organizado por Gabeira em resposta ao “Troféu Quebrou a Cara do Ano” (destinado às “profecias não concretizadas” que previam o fim do governo Lula), que recebeu da colunista Helena Chagas, de *O Globo*, em 28 de fevereiro de 2006.

Para premiar o autor, a colunista de *O Globo* destacou uma frase da crônica “Democracia com Cartas Marcadas”, veiculada pelo Instituto Teotônio Vilela – I.T.V. (que é um órgão de estudos e formação política ligado ao PSDB), em 2 de setembro de 2005: “*O governo morreu, temos que decidir o que fazer com o corpo até 2006*”.

Pela crônica “Profetas Atropelados pela História”, Gabeira organiza todo seu discurso a fim de convencer o leitor de que ele não merecia o troféu, porque a profecia a que fez alusão por meio da palavra “morte” não se referia ao “fim do governo Lula” (devemos nos lembrar de que para a colunista essa frase foi vista como “profecia não concretizada” devido ao candidato à reeleição estar na frente nas pesquisas de intenção de votos), mas ao ruir de uma ideologia pregada a anos pelo Partido dos Trabalhadores:

“Quando falei em morte, também previa uma dinâmica, pois não é possível sobreviver a uma sucessão de erros que jamais se viu cometer num curto espaço histórico.

(...) Todos sabem que me desencantei. Pensava passar apenas alguns maus momentos. Não contava com esse longo processo de decomposição.

(...) “Não posso esconder a tristeza de ver perdido um dos grandes trunfos nas possibilidades de mudanças no Brasil: a legitimidade”

O autor ainda leva o leitor a entender que a colunista Helena Chagas só lhe atribuiu o troféu Quebrou a Cara do Ano porque desconsiderou seu discurso como um todo, atendo-se apenas a uma frase, descontextualizada, de sua crônica “Democracia com cartas marcadas”, a saber: “*A morte é irreversível, quando solta numa frase, sem fundamentos políticos*”.

Contudo, esse sentido só nos foi possível considerando-se o modo como Gabeira organizou seu discurso, pois o tempo todo seus argumentos foram mediados pelo diálogo com os “outros” discursos de autoridade (filosóficos, literários, científicos, históricos e políticos), por meio do recurso **parafrasagem**, como se verifica em: “*John Gray, falando de Francis Fukuyama afirma que ele, como todos os profetas de quem a história fez chacota, dizem que foram mal compreendidos*”.

Observamos também a presença de **ironia** em “*Espero não tentar mais profecias. Vou me dedicar às*

realidades palpáveis, como o comportamento do feijão em gravidade zero". Nesse enunciado, Gabeira mostra crítica de maneira subversiva a viagem do "astronauta brasileiro", o qual, a custo de milhões de dólares levou algumas experiências para serem realizadas no espaço, onde, uma delas, consistia na plantação de grãos de feijão. Ora, a organização do discurso de Gabeira nos possibilita concluir que somente podemos considerá-lo uma "promessa não concretizada" se essa experiência possível resolver alguns dos problemas brasileiros, a "Fome Zero", por exemplo.

Para garantir o sentido da presença de diferentes "outros" em sua crônica, o autor utilizou muito o **metadiscurso do locutor** ou **glosa**, retomando, comentando e direcionando o seu leitor, como em:

"Em 2005, afirmei que o governo morreu..."

"Ganhei o Troféu Quebrou a Cara do Ano..."

"Foi uma boa escolha"

"Não é o meu caso. Expressei-me inadequadamente."

"A frase não indica o tipo de morte a que estava me referindo..."

Logo, pela análise realizada dessa crônica, é perceptível que mesmo não tendo total controle de todos os "outros" que perfazem seu discurso (já que há todo o fator do inconsciente não discorrido neste trabalho), o autor negocia seus argumentos com vários "outros", principalmente, com as glosas, garantindo um efeito de sentido que realmente ele não realizou nenhuma "profecia" e, por isso, não mereceu o "Troféu Quebrou a Cara do Ano".

Quanto à questão da ideologia, definida por Fiorin (2005, 29) como uma "'uma visão de mundo', ou seja, o ponto de vista de uma classe social a respeito da realidade, a maneira como uma classe ordena, justifica e explica a ordem social", Gabeira se assume um político esquerdista, tanto é, que apoiou Lula até sua eleição em 2002, porque ele era uma "real" representante do povo, ao contrário dos presidentes anteriores. Porém, ao serem confirmadas as denúncias contra o governo, em especial, a alta cúpula do P.T., Gabeira assistiu o "diluir" o das esperanças da maioria do povo brasileiro, e, talvez também a sua. É somente neste contexto que entendemos os discursos de Gabeira:

"Quando falei em morte, também previa uma dinâmica, pois não é possível sobreviver a uma sucessão de erros que jamais se viu cometer num curto espaço histórico".

"Todos sabem que me desencantei. Pensava passar apenas alguns maus momentos. Não contava com esse longo processo de decomposição".

"Não posso esconder a tristeza de ver perdido um dos grandes trunfos nas possibilidades de mudanças no Brasil: a legitimidade."

“Embora estejamos no limiar de uma campanha, esse é o panorama mais cinzento dos últimos anos. Cada vez que alguém dança no plenário, é o seu mandato que é um pouco cassado, anos podem ser perdidos com um rompimento entre a sociedade e o Congresso.”

É explícito, portanto, no discurso de Gabeira, o descontentamento e a desilusão quanto às atitudes do governante que ele ajudou a eleger, permitindo-nos verificar que ser “esquerdista” é a marca desse autor. Para que se entenda isso, é necessário observar que, quando o governo federal era liderado pelo PSDB, o autor esteve pelo PV ao lado do PT e de Lula. Percebendo que o PT, ao se tornar o governo federal, não realizou as mudanças que o autor presumia, este retirou seu apoio ao PT, passando a criticá-lo. Convém ainda ressaltar que a crônica “Democracia com Cartas Marcadas”, da qual a colunista Helena Chagas retirou a frase para “premiar” Gabeira, foi veiculada pelo Instituto Teotônio Vilela (I.T.V.) que é um órgão filiado ao PSDB.

5. Considerações Finais

Ao analisarmos a crônica “Profetas Atropelados pela História” foi possível observar que o autor, Fernando Gabeira, garantiu o efeito de sentido de que não merecia o prêmio Troféu Quebrou a Cara do Ano, porque uma “frase” descontextualizada, retirada de sua crônica “Democracia com Cartas Marcadas” (2005) não pode ser considerada uma “profecia não-concretizada”, uma vez que seu sentido só se constrói, levando-se em conta o contexto social, histórico, político e ideológico. Isso se deu devido à negociação estabelecida entre autor e os vários discursos para argumentar a favor de sua perspectiva. Dentre os diversos “outros” que dialogam na crônica de Gabeira, destacam-se as glosas, as quais o possibilitaram comentar, direcionar e construir uma imagem de um sujeito-autor competente, que sabe como articular diferentes discursos.

Referências Bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos** (19): 25-42, jul/dez, 1990.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. 8. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005. MAINGUENEAU, D. A heterogeneidade mostrada. In: **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1989.

GREGOLIN, M. R. V. Sentido, Sujeito e Memória: Com o que sonha nossa vã autoria? In: GREGOLIN, M. R. V.; BARONAS, R. (org). **Análise do discurso**: as materialidades do sentido, 2. ed. São Paulo: Claraluz Editora, 2003.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005. _____. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996

SCHINELO, R. F.; VILLARTA-NEDER, M. A. Fita verde no cabelo : vozes da autoria. In: GREGOLIN, M. R. V. (org). **Filigramas do discurso** : as vozes da história . Araraquara: FCL/ Laboratório Editorial / UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica , 2000.